

Recompondo um mosaico de sentimentos

André Alves – GRECOM/UFRN

CARVALHO, Edgard de Assis. *Virado do avesso*. São Paulo: Selecta, 2005. 133 p.

O que um súbito atropelamento pode provocar no indivíduo, além do embate entre vida e morte? O atropelado se vê imerso em uma situação na qual foram retiradas a sabedoria e a loucura, enquanto fica à mercê de um corpo médico que se divide nas mais variadas especialidades técnicas, do ortopedista ao anestesista, sem esquecer o clínico geral e o neurologista, profissionais dotados de uma forma de ver o mundo a qual, à maneira de pára-brisas estilhaçados após uma colisão, emerge uma visão fragmentada de pensamento, dotada da incapacidade de interligar a parte e o todo e, tal como vidrinhos espalhados no chão, desconhecem o sentimento de unidade. Diariamente ocorrem centenas de atropelamentos em todo o país, como o sofrido por Edgard de Assis Carvalho, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), na madrugada de 24 de outubro de 2004, na capital paulista, cuja recuperação durou um ano.

O acidente deixou-o *Virado do avesso*, título da obra que narra descobertas e redescobertas que o atropelamento fez originar. A narrativa segue trajetória que dispensa pieguices e autocomiserações. Pelo contrário, o autor faz de *Virado do avesso* um hino à vida através da difícil jornada em busca da recuperação que foi obrigado a empreender. A violência do atropelamento provocara traumatismos dos mais variados, jogara-o num labirinto cujos corredores pareciam esconder partes de seu corpo. Recolher essas partes e reconduzi-las às suas funções virou desafio tanto do paciente quanto dos profissionais que o assistiam. O desafio não se resumia em apenas reconstruir o próprio corpo, como tam-

bém o próprio “eu”. Reconstruir o “eu” é recompor um “mosaico de sentimentos”, é fazer uma incursão “pelas profundezas do estranhamento de si” (p. 32), como escreve. Por isso, no início da obra, a narrativa é feita na terceira pessoa do singular, com o “sujeito-objeto” ocupando o lugar que caberia ao “eu”, o que acentua uma velha lição de Machado de Assis num de seus mais belos contos, cujo título é por demais sugestivo: *O espelho*. Machado lembra, sabiamente, que trazemos duas almas, uma que olha de fora para dentro e outra que olha de dentro para fora. “Comumente o ato da escuta do sujeito-objeto”, escreve Edgard de Assis Carvalho, “resume-se a um conjunto desconexo de informações que o impedem de recompor o diálogo consigo mesmo, com suas percepções e cognições, com o cosmo” (p. 23). Essa situação traz uma “resignação redobrada, sem sensação de futuro” (p. 23), e faz da espera algo que passa longe de qualquer tipo de utopia ou mesmo esperança.

A resignação redobrada traz um certo estoicismo diante das exigências de uma medicina que se move sob a combustão monetária ou capitaneada por um seguro-saúde. E se as tantas deficiências do corpo impossibilitam os mais simplórios gestos, aqueles que caracterizam o cotidiano de qualquer um de nós, o pensamento imerso na imaginação e no sonho pode trazer para si a responsabilidade da busca do tempo perdido. Edgard Carvalho sentiu isso: “Como em acidentes graves o choque oblitera a memória e castra o desejo, não é incomum que, mesmo de modo lacunar, sonhos retroalimentem o imaginário dos episódios traumáticos” (p. 24). Os

sonhos, aliados à capacidade de acreditar ser possível vencer essa travessia, são o passaporte para que o “sujeito-objeto” ceda, finalmente, o lugar ao “eu”, o que possibilita ao atropelado assumir sua marca “sapiencial”, primeiro vencendo o imobilismo de uma cama, depois os medos de nunca se libertar de uma cadeira de rodas para, com mais vagar, ver a muleta cedendo ao imperativo do caminhar sozinho. Essa trajetória faz perceber que natureza e cultura não foram feitas para se digladiar, como pensam alguns. “Permanentemente guiado pelo princípio-esperança, meu corpo regenerado adquire nitidez, iluminação, sabedoria, passa a saber mais de si mesmo, reeduca-se, religa-se ao cosmo” (p. 119), diz Edgard. Isso é contado já em primeira pessoa: eu.

Virado do avesso é dividido em quatro partes. Uma trata da “dor”, outra da “desordem”, a terceira do “estranhamento” e a última da “regeneração”. Não é um livro que trata de doenças, remédios, médicos. É mais do que isso. É uma reflexão sobre o homem e à necessidade de suas buscas proporcionarem uma religação dos saberes, como enfatiza o pensador francês Edgar Morin, “mochileiro das galáxias” (como o define Edgard de Assis Carvalho). *Virado do avesso* é um livro que os amigos do autor talvez nunca gostariam de ler, porque foi germinado através da dor. Mas é o próprio Edgard de Assis Carvalho quem afirma o contrário: “Ouso confessar, sem medos, ressentimentos e culpas, que a contingência do acidente valeu a pena” (p. 132). Acidente que o fez ampliar o número de amigos, desfazer antipatias e refazer relacionamentos. Daí a afirmação poética: “A sensação de felicidade é oceânica” (p. 108). A nossa também, mestre.